

Do autor

Definição (poesia), UEA, 1985, Luanda

Fabulema (poesia), UEA, 1986, Luanda

Poemas Angolanos (poesia), UEA, 1989, Luanda

Tanto Amor (poesia), UEA, 1989, Luanda

Canção do Nosso Tempo (poesia), UEA, 1991, Luanda

Menção Honrosa do Prémio Sonangol de Literatura 1989

Jornalismo e Política (ensaio), UEA, 1991, Luanda

O Caçador de Nuvens (poesia), UEA, 1993, Luanda

Limites & Redundâncias (poesia), INALD, 1997, Luanda

Menção Honrosa do Prémio Sagrada Esperança 1997

Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir (contos), 1.^a ed.,

UEA, 1998, Luanda; 2.^a ed., Editorial Caminho, 1999

Menção Honrosa do Prémio Sonangol de Literatura 1996

João Melo

Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir

C O N T O S

CAMINHO

UMA TERRA SEM AMOS

Pernas de imbondeiro, pernas de imbondeiro. Na verdade (recordo), comecei por ver o teu sorriso alarvemente belo, imenso como um enorme sol pecaminoso, alegria despudorada e, no entanto, ingênua, puro desejo, elucidado pelo húmido frescor dos teus dentes emoldurando a boca vermelha, de onde brotava, como uma violenta explosão, a gargalhada libidinosa; contudo, o que, antes de mais nada, as minhas mãos se viram compelidas a tocar, movidas por um impulso talvez mágico, talvez atávico, sei lá, foram as tuas pernas: lisas como um sonho, mas compactas (o que me causou uma sensação angustiante de abundância). Mais lembranças: como se fosse um deus, enfiei as mãos debaixo do teu vestido, acariciei-te demoradamente as coxas fortes e grossas, apalpei-as, belisquei-as, até perder a noção do tempo; com a mesma comoção com que, em ocasiões posteriores, te chamei minha putinha ou minha vaquinha, murmurei: pernas de imbondeiro, pernas de imbondeiro (triumfante, sorriste, antes de abrires completamente as pernas, para facilitares a ope-

ração; eu podia sentir as mãos mergulhando atónitas nas tuas raízes). Dois anos depois, casámo-nos.

2

Vês como estou?, perguntas. Mas é outra pergunta que me estilhaça o cérebro: como é que alguém que se pretende revolucionário pode tratar assim a sua própria mulher? Eu respondia, cinicamente: a revolução foi feita pelos revolucionários disponíveis (citação de Brecht). Nessa altura, eu tinha começado a dormir fora de casa. Na impossibilidade de me arrancares as vísceras, tu quebravas a loiça. O socialismo começa dentro de casa!, choravas, com todo o peso da lógica, que sabias inútil. Marxista de merda! É isso o teu marxismo?!... A tais perplexidades, eu opunha aquilo a que poderíamos chamar, provavelmente, a humanização dos clássicos: sabes que o próprio Marx comia todas as empregadas domésticas que lhe apareciam pela frente?... O coitado do Engels, depois, é que tinha de perfilhar os frutos dessas uniões... Por falar em frutos: por que é que essas citações, digamos assim, heterodoxas dos pais do marxismo me deixavam sempre um sabor de múcua podre na boca?

3

Claro, claro, nunca cheguei a invocar as tradições africanas. Tanto eu como tu somos dois animais urbanos, temos uma formação europeizada (maldito colonialismo), as nossas raízes estão mergulhadas num limbo sombrio qualquer e a nossa experiência rural limita-se a uns piqueniques realizados no Km 8, um pouco antes de Viana, onde íamos comer cajus com os miúdos e mais duas famílias amigas (íamos, porque agora parece que se instalou uma empresa estrangeira precisamente no

local dos nossos pacatos piqueniques). Mas, depois da independência, uma doença estranha assolou a cidade: os homens começaram a arranjar muitas mulheres (digo: publicamente) e atribuem isso à influência irrevogável da tradição (forjou-se, concomitantemente, o hábito de dar às mulheres designações caricatas, como *Luanda Um*, *Luanda Dois*, etc.). Não era, pois, por falta de estímulos externos que eu deixava de apelar à poderosa força da tradição para dar as minhas facadas no matrimónio, como diz o outro (eu próprio?); como lembra Barthes, a moda é uma coisa fodida (com perdão da má palavra, meu amor, apesar de só pensada); seja como for, sempre achei ridícula a utilização desse pretexto dentro dos perímetros urbanos, entendes? Enfim, talvez todas essas recordações, associações e elucubrações não passem da busca desesperada de uma boa desculpa para explicar a mim próprio por que estou aqui e por tudo aquilo que — eu sei — vai acontecer a seguir. Antes que eu tivesse tempo de entender, libertaste-te das roupas que jazem agora a teus pés, completamente inúteis, como se saíesses do interior do poema do Jorge de Lima. Os teus olhos estão raiados de sangue. Estás bela, querida, criminosamente bela.

4

Tenho um amigo que diz: a monogamia é a coisa mais antinatural que existe. Talvez, penso. Tenho viajado um pouco e vejo: é raro o homem que não tenha mais do que uma mulher; os europeus e americanos (refiro-me aos de origem anglo-saxónica), que têm a mania que são mais espertos do que todos nós (depois de terem dizimado as nossas civilizações, claro), preferem escamotear essas relações pecadoras, possivelmente com medo do inferno que eles próprios inventaram; entretanto, à medida que se vai entrando nos trópicos, tais relações vão-se

tornando mais abertas, mais permissíveis, escancaradas, mesmo; há muito tempo, por exemplo, li uma entrevista de um fazendeiro brasileiro que morava com quatro mulheres na mesma casa; e sabias, amor, que na Corimba há um pescador madeirense que vive com várias mulheres no mesmo quintal, como um autêntico soba? O Zé tem razão, portanto: a monogamia não é natural. Só que o gajo nunca me responde quando lhe pergunto: porra, pá, e se a tua mulher quiser ter vários homens? Problema angustiante: a poligamia confunde-se, pelo menos na nossa época, com o machismo — por isso é injusta. Amor, já dormiste com alguém desde que nos separamos?, pergunto. O que é que tu achas?, concordas que também preciso de afecto? Talvez, penso.

5

Disseste: vai lá à casa, logo, preciso de conversar contigo. Sorri, não sei porquê, pensando na canção do André: vamos sentar/falar um bocado... Enquanto estivemos casados, raramente conversávamos. Por que é que certos casais se dão melhor quando deixam de sê-lo? Aqui estamos, agora, diluídos todos os ressentimentos e incompreensões no poço sem fundo do esquecimento, serenos, mas com os sentidos alerta para a iminência que se desenha, como a bruta onda aproximando-se da arrebentação. Quando cheguei, atiraste-te a mim como uma planta faminta (lembras-te deste verso?), colaste o teu corpo ao meu, beijaste-me com voracidade, engolindo sofregamente as frases que eu tinha preparado. Depois, depois.

6

É espantoso como sempre nos entendemos sexualmente (penso). Se eu vejo como tu estás? Vejo, sim, que-

rida, ah, como vejo!... Tinhas acabado de sair de dentro do poema do Jorge de Lima, nuinha (não tinhas nada debaixo da saia, como eu gosto) e, num impulso súbito, subiste para a mesa de mármore da cozinha, onde estávamos. Fixaste claramente o meu rosto com teus olhos explícitos, abriste infinitamente as pernas e, com os dedos, começaste a acariciar-te com ternura, sem deixar de olhar-me. Nada disso, naquele momento, era obsceno. O meu pénis tremia como os canaviais da Catumbela, quando te penetrei.

7

Muitas vezes discutimos o risco de burocratização da relação conjugal. A rotina, o grande inimigo dos casais é a rotina, procurava eu ensinar. Tu reconhecias: de vez em quando também me canso do teu rosto, mas isso não quer dizer que eu aceite que tenhas duas mulheres... Os princípios, os teus sagrados princípios, irritava-me eu, apenas interiormente. Mas tu parecias adivinhar os meus pensamentos: é uma questão de princípio, querido; essa mania de todos vocês terem mais do que uma mulher, por causa das tais tradições africanas, comigo não pega! E, sem qualquer pausa: aliás, só gostaria de saber se nos livros onde vocês estudam o marxismo isso está previsto... Como um criminoso apanhado em flagrante delito ou um jogador de *poker* à beira da derrota, eu costumava sempre, em tais circunstâncias, recorrer a uma cartada desesperada: calmamente, procurando aparentar a mais estrita imparcialidade, contava-te a história do Jean-Paul Sartre e da Simone de Beauvoir, que viviam em apartamentos separados e foram muito felizes. Contudo, ao ver-te rir (esse riso frontal que me perturbou tanto no dia em que nos conhecemos), metia o rabo entre as pernas: está bem, está bem, eu sou o Pedro e tu, a Ana...

8

No quarto. Volta para casa, meu amor, eu já não aguento mais, pedes. A minha mão percorre o teu corpo saciado, com prazer, mas eu sinto uma estranha agonia no peito, não sei se quero ficar ou partir, apenas tenho uma vontade enorme de chorar. O que achas da minha ideia?, pergunto. Qual ideia? Aquela de imitarmos o Sartre e a Simone de... Quem começa a chorar és tu.

9

Não me disseste nada, mas eu sei; esta foi a última vez que fizemos amor. Por isso, antes de sair, resolvo (como se discursasse para ti) guardar para sempre o sabor da tua pele em todas as minhas extremidades. Na rua, o calor é insuportável. O sol de Luanda, em Abril, é uma coisa fodida.